

## A EXPERIÊNCIA DO HOMEM PRIVADO DE LIBERDADE EM RELAÇÃO AO PROCESSO SAÚDE E DOENÇA

**MATEUS RODRIGO PALOMBIT\*, MARCELA MARTINS FURLAM DE LÉO\*\*,  
RAFAELA AZEVEDO ABRANTES DE OLIVEIRA SIMONETI\*\*\*\*, JEFERSON  
SANTOS ARAÚJO\*\*\*\*, VANDER MONTEIRO DA CONCEIÇÃO\*\*\*\***

### 1 INTRODUÇÃO

No período de 2000 a 2016 a população carcerária brasileira cresceu 313%, e o Brasil ocupa o terceiro lugar no ranking mundial deste grupo privado de liberdade (WPB, 2018). Segundo a pesquisadora Connell (2005), a forma como os homens expressam o que é ser masculino é chamada de “masculinidades”, nomenclatura esta que se encontra no plural propositalmente, pois há diversas formas de manifestá-la. A autora ainda cita quatro distintas formas de masculinidades, denominadas “masculinidade hegemônica” (dominação), “masculinidade subordinada” (dominado), “masculinidade de cumplicidade” (condescendente) e “masculinidade marginalizada” (desvantagem social).

É neste universo que os homens, diante de sua exposição física e social negativa, acabam tornando-se vulneráveis e propensos a execução de delitos, o que conseqüentemente os conduz ao cárcere. Essa vulnerabilidade relacionada à imagem e ideário construídos historicamente sobre o ser homem se apresenta na segregação, baixo nível escolar, ocupações desqualificadas, marginalização, consumo de substâncias psicoativas, suicídios, violências de toda ordem, mortes acidentais, acesso restrito a serviços de saúde e de assistência social e, como se pode evidenciar com os números descritos anteriormente, no encarceramento ou privação de liberdade.

A pergunta que se expressa é: Quais as experiências que os homens privados de liberdade têm sobre sua saúde neste ambiente?

---

\* Acadêmico do curso de Graduação em Enfermagem. Universidade Federal Fronteira Sul. Grupo de Pesquisa em Educação Popular e Formação em Saúde e Enfermagem (EDUFES). E-mail: [mateuspalombit@gmail.com](mailto:mateuspalombit@gmail.com);

\*\* Enfermeira. Doutora em Ciências. Universidade Federal Fronteira Sul – Campus Chapecó;

\*\*\*\* Enfermeira. Doutora em Ciências. Universidade Federal de Pernambuco – Campus Vitória de Santo Antão;

\*\*\*\* Enfermeiro. Doutor em Ciências. Universidade Federal Fronteira Sul – Campus Chapecó;

\*\*\*\* Enfermeiro. Doutor em Ciências. Universidade Federal Fronteira Sul – Campus Chapecó.

## 2 OBJETIVOS

- Investigar os sentidos atribuídos à experiência no processo saúde/doença por homens privados de liberdade.

## 3 METODOLOGIA

A presente investigação é de metodologia qualitativa, de caráter exploratório e com o referencial da Antropologia Médica (AM). A AM é uma abordagem teórica que observa como a doença é discutida, gerida e tratada nas comunidades ou sociedades humanas à luz das respectivas culturas (LEAL, 2009). Para AM a doença não é apenas um processo biológico/corporal, mas o resultado da influência do contexto cultural e da experiência subjetiva de que o corpo está com problemas.

No estado de Santa Catarina a gerência do sistema penitenciário está sob comando da Secretaria de Estado da Justiça e Cidadania, mais precisamente pelo Departamento de Administração Prisional (DEAP), sendo que na sexta regional se encontra a Penitenciária Agrícola de Chapecó (PACH), unidade está investigada.

Foram recrutados homens privados de liberdade que cumpriam regime de pena fechado e que estivessem cursando algum tipo de projeto formativo dentro da instituição (curso de formação do ensino fundamental ou médio ou cursos de formação técnica). Além de, estarem em cumprimento de pena privativa de liberdade em regime fechado há, no mínimo, 12 meses, e que expressaram concordância com o procedimento da pesquisa.

Se excluiu desse estudo os homens com déficit intelectual, que pudessem dificultar a compreensão e/ou participação do estudo, bem como os participantes que estiveram em enfermarias ou estado grave em internação fora das dependências das instituições, no caso dos apenados. Também foram excluídos detentos considerados de alta periculosidade pela direção da penitenciária.

Após o estabelecimento dos critérios de inclusão e exclusão, participaram dessa investigação dois apenados. O número de participantes justifica-se pelo quadro pandêmico de COVID-19 instaurado no ano de 2020, o que impediu a continuidade da investigação tendo em vista que os privados de liberdade são grupos vulneráveis para contaminação e fácil disseminação do Sars-Cov-2 no espaço penitenciário.

É válido ressaltar que os dois participantes foram entrevistados previamente a pandemia, no período de novembro a dezembro de 2019. Se utilizou a técnica de entrevista em profundidade, conduzida por um roteiro de entrevista com os seguintes questionamentos: Como é para você viver neste espaço? Como você percebe o seu estado de saúde física e mental? A entrevista foi gravada, transcrita e analisada de acordo com a análise temática indutiva de Braun e Clarke (2006).

O processo de análise proporcionou a construção do tema “A privação de liberdade e suas repercussões na saúde mental”. Os preceitos éticos dessa investigação foram respeitados conforme diretrizes da Resolução 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, sendo o estudo aprovado por Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, sob parecer: 2.847.541 de 27 de agosto de 2018, e CAAE: 07049518.2.1001.5564. Os nomes dos participantes foram substituídos por pseudônimos quando citados no texto.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

### A privação de liberdade e suas repercussões na saúde mental

O participante Hélio ao relatar sua experiência na privação de liberdade há enfoque no afastamento de sua família, sobretudo, de sua esposa e filhos. Esse distanciamento o traz desconfortos que culminam na ideação suicida, como apresentado no relato a seguir.

*Aqui é um lugar que é muito complicado[...] outro dia, veio a mulher e o nenê, aí eu falei pra ela ó, “preciso de ajuda, eu preciso de ajuda por que eu não to bem[...] fui acompanhado por psicólogo, psiquiatra, remédio e tudo, mas aquilo só foi se agravando e eu fiquei ruim e cada vez pior e eu pedindo ajuda ali pra eles, e daí botei da na cabeça, me começo a me dar na minha cabeça que eu tinha que cometer o suicídio[...] Que a vida não tinha mais jeito pra mim, sabe?[...] começo aquilo me entrar na cabeça e me dar ansiedade de eu ir embora, dar um abraço no meu nenê e cometer suicídio[...] aquela ansiedade que eu perdi o controle[...] ó, difícil, mas não quero mais viver[...] eu não quero mais viver, a vida acabou pra mim[...] eu tomei 40 comprimidos não deu meio minuto eu apaguei, 40 comprimidos de faixa preta[...] a vida perdeu a graça[...] eu não aceito muito as conversas, muita gíria de cadeia, isso me incomoda muito, isso me leva a loucura[...] Já pensei muitas vezes em tirar minha vida sabe, sei que errei, mas não... não consigo aceitar o que estou passando, sabe, isso eu sofro muito, pra mim é muito triste sabe, eu não tenho vida, não consigo levantar a cabeça por exemplo, até pra caminhar, caminho olhando pra baixo[...] pra mim é, não tem mais graça a vida[...] mas é complicado, eu não vivo, eu to vegetando ai na realidade, dentro desse quarto muitas horas, é triste[...] Aqui? Eu me sinto um lixo, sem valor nenhum[...] o mundo o desaba, daí parece que, eu não vou mais sair daqui, me dá aquele pânico, me dá aquele desespero[...] não sei até onde vai isso, que eu vou aguentar...[...] eu preferia estar morto do que estar aqui[...] Isso é um depósito de morto vivo, aqui é um depósito de morto*

*vivo, aqui tão morto, aqui gente tá morto praticamente[...] pra mim é muito duro, preferia ta no cemitério e não ta ai[...] (HÉLIO)*

Para Hélio a privação de liberdade afetou a sua masculinidade em relação ao não estar presente no cotidiano de sua família, não estar junto com o seu filho e esposa. Pesquisadores (OBST et al., 2021) descrevem que o papel dos homens heterossexuais são de 'apoiaadores' de suas parceiras. Em outra investigação, os autores (SOUSA et al., 2020) discorrem que, no Brasil, os homens primam pela manutenção da estrutura familiar como atributo de sua masculinidade.

Neste sentido, os autores (SOUSA et al., 2020) reforçam que na situação do comprometimento do bem-estar familiar os homens podem apresentar sintomas como pânico e fobia, e até mesmo ideação suicida. Para Baére e Zanello (2020) o silêncio e o isolamento levam os homens ao sofrimento psíquico, e pode culminar na manifestação do comportamento suicida.

Já no relato de Caio, o segundo participante, o estar privado de liberdade possibilitou vivência da masculinidade subordinada.

*A gente sofre né, acho que toda cadeia sofre[...] tem vergonha da gente, de conversar com a gente na frente dos outros, de dividir a mesma cuia de chimarrão, acham que a gente tem alguma coisa[...] ou me relaciono só com ele ou com nenhum[...] tem muito medo também dessas doenças[...] faço, as vezes eu faço, quando eu conheci esse parceiro que eu to eu fazia, depois ai já não fiz mais, se conhecemos bastante ai fizemos exames e vimos que tinha nada[...] só o pessoal da nossa cela que sabe que a gente se relaciona.[...] eu coragem de brigar não tenho, então acho que se um dia me pegarem vão fazer o que quiser comigo, e eu não faço nada, mas nunca fizeram, graças a Deus.[...] eu tenho vontade de chorar direto, direto, fico me emocionando, eles estão ali comigo, mas é na falsidade, não é aqueles amigos de verdade, entendeste, isso me dói muito[...] é, que daí os homossexual não tem espaço nas outras galerias[...] cair em depressão, cair no desprezo, querendo ou não sofre muito desprezo de algumas pessoas, principalmente das que a gente mais gosta, a vergonha dos outros[...] empurrão essas coisas, jogar coisa em cima da gente, bastante disso[...] (CAIO).*

Na experiência de Caio a privação de liberdade o propiciou manejar sua masculinidade de forma particular, pois foi nesse espaço que ele se assumiu homossexual. Entretanto, sua liberdade sexual foi vivenciada por situações preconceito, preocupações como agressões físicas, doenças e convívio conturbado.

Na concepção das masculinidades, Caio agora é subordinado, pois abandonou os atributos ditos como fundamentais para a performar o “macho”, como fortemente defendido na masculinidade hegemônica. Segundo Ferreira (2018), a masculinidade subordinada, refere-

se à desigualdade entre os próprios homens, subordinando-os um em relação a outro, como ocorre com a dominação dos heterossexuais sobre os homossexuais. Dessa forma, o ser homossexual para Caio, apesar de significar sua libertação, é ao mesmo tempo um agente de opressão social.

## 5 CONCLUSÃO

Para esta investigação, entende-se que a cultura do ser homem, ou seja, as masculinidades, é um elemento social capaz de influenciar na forma como os participantes lidam com o seu cotidiano. E, como apresentado, ao não performar a dominação masculina, os apenados vivenciam situações negativas que causam desconforto e impactam em sua saúde mental.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAÉRE, F.; ZANELLO, V. Suicídio e masculinidades: uma análise por meio de gênero e das sexualidades. **Psicologia em estudo**, Brasília-DF, ano 2020, v. 25, n. 44147, p. 1-15, 18 maio 2020. <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v25i0.44147>

FERREIRA, J. A. **Cuidado domiciliar ao homem na perspectiva do atendimento às suas necessidades de saúde**. 2018. Tese (Pós-graduação em Enfermagem) – Universidade federal de minas gerais, Escola de Enfermagem, Belo Horizonte, 2018.

LEAL, J. P. F. **Elementos de Antropologia Médica: Uma abordagem antropológica sobre corpo, doença e saúde**. 2009. 152f. Trabalho (pós-doutorado) – Departamento de Antropologia, Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal, 2009.

OBST, K.L., OXLAD, M., DUE, C. *et al.* Factors contributing to men's grief following pregnancy loss and neonatal death: further development of an emerging model in an Australian sample. **BMC Pregnancy Childbirth** 21, 29 (2021). <https://doi.org/10.1186/s12884-020-03514-6>

SOUSA, A. R.; SANTANA, T. S.; CARVALHO, E. S. S.; MENDES, I. A. C.; SANTOS, M. B.; REIS, J. L.; SILVA, A. V.; SOUSA, Á. F. L. Vulnerabilidades percebidas por homens no enquadramento da pandemia da Covid-19. **Rev. Rene**, [S. l.], v. 22, n. 60296, p. 1-9, 4 set. 2020. <https://doi.org/10.15253/2175-6783.20212260296>

**Palavras-chave:** Prisões; Prisioneiros; Gênero; Masculinidade; Enfermagem.

**Nº de Registro no sistema Prisma:** PES-2019-0516.

**Financiamento:** UFFS.